

IMIGRANTES

Grace Beatriz. Viu um jovem do seu país, Cabo Verde, a morrer num hospital de Portugal, sem poder ter a visita de uma irmã. Viu pessoas com doenças graves a viver em péssimas condições. Criou uma fundação na Holanda, onde vive, para os ajudar

“A saúde deve ser uma prioridade, não um negócio”

Abrir um lar para os doentes cabo-verdianos é o principal objectivo

CÉU NEVES

A história de Danny, um cabo-verdiano de 19 anos que morreu de leucemia numa cama de um hospital de Lisboa, mudou o sentido da vida de Grace Beatriz, uma cabo-verdiana a residir na Holanda. O jovem passou a ser o rosto de denúncia das más condições em que vivem os doentes de Cabo Verde em Portugal e Grace autoproclamou-se a porta-voz dessa luta. Criou a Fundação Dany e tem uma meta: abrir um lar. Mas já percebeu que a tarefa é mais difícil do que pensava.

Oriundo de famílias muito pobres, Danny veio tratar-se para Lisboa com as roupas que tinha no corpo. Começou por ser internado no Hospital S. Francisco Xavier e passou para o Instituto Português de

“Encontrei uma grande solidão naquele hospital”

Oncologia (IPO), em Lisboa, onde viveu o último ano de vida. Faltava-lhe tudo; incluindo os telefonemas dos pais e irmãos, por não terem dinheiro para o fazerem; incluindo a visita de uma tia abastada em Portugal, sabe-se lá porquê.

“Encontrei uma grande solidão naquele hospital, o Danny nunca recebia visitas. Quando comecei a visitá-lo, os enfermeiros e auxiliares pensavam que era mãe dele. O jovem tinha um cancro, o que lhe causou um grande sofrimento. Além disso, tinha a idade dos meus filhos e queria estudar economia com um deles. Tudo isso me deixou muito sensibilizada para a situação e com muita vontade de ajudar. Era como se fosse um dos meus filhos”, conta.

O primeiro contacto com o jovem foi há quatro anos. Nos dois anos seguintes, passou gastar parte das férias e dos subsídios de férias e de Na-

tal com as visitas a Portugal. Grace e Danny chegaram a escrever um livro: *Saudades do Danny*, cujas vendas revertem a favor da fundação.

Quando o jovem morreu, a 5 de Dezembro de 2003, Grace virou-se para todos os cabo-verdianos que sofrem de doenças graves e não têm os equipamentos necessários para diminuir o sofrimento no país de origem. São cerca de 300 os que chegam anualmente a Lisboa.

“A doença do Danny ajudou-me a perceber as más condições em que vivem os doentes cabo-verdianos em Portugal. Inicialmente, o objectivo era ajudar apenas os doentes com cancro, mas visitei a Pensão 25 de Abril, em Lisboa, e vi tantas doenças que decidi ajudar todas essas pessoas”, explica. O representante da fundação em Portugal é o médico Frederico Sanchez.

A fundação recebe um subsídio do Governo holandês. Têm, também, o apoio dos emigrantes cabo-verdianos na Holanda. O que dá para visitar os doentes nos hospitais, passear com eles, distribuir roupa e promover convívios, enquanto se trabalha no objectivo principal. Grace conhece as péssimas condições de muitas pensões, situações que o DN já denunciou numa reportagem.

“Fiquei chocada. Os quartos são fechados, sem luz, e as pessoas só têm uma casa de banho por andar. E tanto vivem assim os adultos como as crianças”, explica. Os casos que encontrou estão denunciados e documentados com fotos no sítio <http://www.danyfoundation.com>.

O objectivo de construir um lar ainda está muito longe. O dinheiro e os apoios demoram a chegar.

Precisava pelo menos de um terreno para a construção de um edifício ou de um imóvel que pudesse ser recuperado e adaptado às necessidades dos doentes.

Mas ela não desiste. O próximo passo é a promoção de um concerto de solidariedade com artistas cabo-verdianos, o que pelo menos dará para fazer um lanche de Páscoa em cada andar de cada pensão. E, em Maio, vai deslocar-se a Cabo Verde para visitar os quatro filhos de uma mulher vítima de cancro aos 36 anos.

Grace Beatriz até percebe que a embaixada do seu país tenha poucos meios para ajudar todos os carenciados, mas gostaria que os doentes estivessem na lista de prioridades das autoridades diplomáticas, bem como de toda a comunidade cabo-verdiana em Portugal. “A embaixada pode não ter muito dinheiro, mas é uma questão de prioridades. Há dinheiro para outras coisas e não há para a saúde, que devia ser a principal prioridade. A saúde não é um negócio”, protesta. ■

HISTÓRIA DO DANNY CONTADA A QUATRO MÃOS

Jovem conseguiu uma vaga para estudar no Porto mas desistiu por falta de meios

A notícia de um jovem gravemente doente em Cabo Verde correu entre os emigrantes cabo-verdianos na Holanda. A tragédia da doença era completada com descrições sobre a inteligência do rapaz, que conseguiu uma vaga na Universidade do Porto, mas da qual teve de abdicar por não ter meios para estudar fora do país. Grace ouviu esta história e pegou nela. Mais tarde contou como foi, num relato que também tem o punho do Danny, que conta: “Cheguei a Portugal sem saber o que realmente tinha. Durante três dias estive internado nas urgências do Hospital S. Francisco Xavier sem poder contactar com a minha família, que certamente andava desesperada sem saber notícias. No hospital guardaram-me tudo o que me pertencia, vestiram-me um pijama de plástico descartável (...). Fui submetido a vários exames e visto por diferentes médicos. Sentia-me perdido e muito confuso com tudo o que se passava à minha volta. Após os exames (...), optaram pelo IPO. Achei curioso que lá houvesse muitos pratos à escolha, como aliás muitas outras coisas eram novidades para mim”, escreveu o Danny. O diagnóstico veio depois, tinha leucemia.

Numa das vezes que veio a Lisboa, Grace levou-o para o hotel, comprou-lhe roupas de Inverno e foram passear para um centro comercial. O jovem chegou a fazer um transplante de medula de um irmão, mas a doença acabaria por o vencer. Quando estava em fase terminal, Grace pensou em levá-lo para Cabo Verde, mas os médicos disseram-lhe que poderia morrer no avião. Além de que havia sempre a esperança, embora ténue, de que pudesse melhorar. Decidiu-se, então, que viria a irmã mais velha. Grace Beatriz conseguiu o dinheiro junto da comunidade cabo-verdiana na Holanda para as passagens, mas o visto não veio a tempo. “Não lhe deram o visto porque não tinha conta bancária. Não foi possível, não possível!”, lamenta.



perfil

GRACE BEATRIZ

- Presidente da Fundação Dany, criada há um ano na Holanda.
- 54 anos, casada, dois filhos. Nasceu em S. Vicente, Cabo Verde.
- Frequentou o 11.º ano em Lisboa. Fez um curso de esteticista na Holanda, onde vive há 33 anos.
- Gasta os tempos livres no apoio aos doentes cabo-verdianos.

Foi viver para a Holanda aos 21 anos, depois de ter estado quatro em Portugal, para estudar. Mora em Haarlem, perto de Amesterdão, mas se pudesse escolher residia em Portugal... desde que fosse com os holandeses. Estes têm uma mente mais aberta, justifica.